

O GLOBO A guerra invisível

23 JAN. 1983

E LÁ vai a inflação. Bateu em 28.62% o Índice de Preços ao Consumidor do Instituto de Pesquisas Econômicas e Administrativas (Minas Gerais) que o ministro da Fazenda, Paulo Haddad, classificou recentemente como "sério".

ESTAMOS mudando de patamar? Divergem os entendidos (quando convergem?). Para alguns, os índices mais altos dos dois últimos meses refletem uma instabilidade institucional já ultrapassada, e tendem a decair. Para outros, a inflação, que andou em torno de 22% em 1992, estaria agora em busca de uma estabilidade — se essa pode ser a palavra certa — em torno de 25% para o ano que apenas começa.

NÃO é de estranhar que a inflação se introduza na cabeça das pessoas. Toda família brasileira precisa saber o quanto gasta a cada mês. É o que está se tornando cada vez mais difícil. Reportagem recente do GLOBO aborda a dança dos índices: não apenas são muitos, como cada um utiliza a sua própria metodologia, este ou aquele produto variando de peso de acordo com o índice. Por falta de dinheiro, os institutos de pesquisa também não renovam as suas pesquisas sobre o perfil de renda e de consumo das famílias; o que quer dizer que podem dar a um

determinado produto um peso que ele já não tem (às vezes o produto nem mais existe).

A FAMÍLIA de classe média entra, assim, no jogo da inflação. Gasta cada vez mais tempo estudando o que fazer com o dinheiro e considera-se feliz porque pode fazer a sua pequena especulação em dólar, poupança ou "fundão".

PARA a família de baixa renda, não há jogo a ser feito. É por isso que a inflação é o mais cruel de todos os impostos. No fundo, o pobre é o único que continua a viver do esvaziado cruzeiro. Para os outros, o que vige é uma moeda abstrata, que pode ter diversos nomes.

MAS isso também não é solução — talvez seja a própria doença. No que parecia uma medida provisória para compensar a inflação, o brasileiro inventou a correção monetária. Como de hábito, achou que estava sendo esperto. Mas a correção plantou a idéia de que a inflação, afinal, não importava tanto, já que a moeda ia ser "corrigida".

DE correção em correção, ela se tornou um fantasma; e no rastro dessa catástrofe veio todo o resto. Por exemplo, a teoria do calote circular, que faz com

que todos devam a todos — as estatais ao Governo, o Governo às estatais, os estados e municípios à Previdência, as empresas idem. Pois se o dinheiro virou uma abstração, onde está a urgência de acertar as contas?

E ASSIM chegamos à situação de agora: o Brasil como um caso quase único no mundo em matéria de inflação. Por que a singularidade? No fundo, por uma razão bem brasileira: sempre foi possível, aqui, empurrar com a barriga. Não tivemos uma experiência de hiperinflação tão grave quanto a da Argentina, ou a da Bolívia; nunca atravessamos uma guerra para que o país inteiro soubesse (e não só os pobres) o que vale um pedaço de pão.

E ASSIM vamos empurrando, entre explicações de que se trata de uma "síndrome cultural". É, mesmo, uma síndrome, sugerindo que o dinheiro nasce em árvore, que o orçamento da República pode contemplar a gregos e troianos, que um estado pequeno como o Acre pode dever mais de US\$ 200 milhões ao Governo federal.

POR esse caminho não se chega nunca a um país sério. Consegue-se apenas que os pobres fiquem cada vez mais pobres, e a sociedade mais atolada em seus desequilíbrios.